

LEITURA : UM DILEMA PARA O SISTEMA ESCOLAR

Maria José de Moura*

resumo

Neste artigo serão abordadas questões que interferem na formação do leitor no contexto escolar, lembrando entre outras coisas que, para a escola conseguir formar leitores como se propõe, deve ser mais ágil em suas decisões, no sentido de definir quanto ao tipo de leitor que quer formar e quanto ao grau de importância da leitura no seu programa de ensino. Considerar, também, a biblioteca, as salas de leitura e a formação do professor como fatores fundamentais para melhor desenvolver o ensino da língua e, conseqüentemente, o ensino da leitura e da escrita.

abstract

This article deals with those factors which interfere with the training of readers in the school place. It is necessary to remember, among other factors, that for the school to succeed in training readers as it proposes, it needs to be agile in its decisions so as to determine what kind of reader should have in its program. The library, reading rooms and teacher preparation have to be considered as basic factors in improving upon language teaching, and consequently, the teaching of reading and writing.

Não seria exagero dizer: a escola, entidade por excelência responsável pelo ensino da leitura, até agora não conseguiu romper o cerco da complexidade deste ensino e tem tido pouco sucesso em suas investidas, apesar de vários estudos, pesquisas e experiências na área. As primeiras constatações são apresentadas pela própria escola, na opinião dos professores, afirmando que o maior índice de dificuldades apresentado pelos alunos nos testes de avaliação é decorrente da falta de compreensão dos enunciados das questões, provocada por problemas de leitura; uma outra constatação se refere à retenção de alunos nas duas primeiras séries do 1º grau e, ainda, à recusa de grande parte dos

*Professora do Programa de Mestrado em Educação - UFPI

Prog. de Mest. em Educ.	Teresina	n. 2	pp. 129-133	1997
-------------------------	----------	------	-------------	------

alunos de realizarem leitura oral na sala de aula por medo de ser criticado pelos colegas por alguns deslizes que poderão vir a cometer.

Um outro fator que demonstra o insucesso da escola neste sentido é identificado quando grande parte dos egressos da escola de 1º grau e mesmo de 2º grau não consegue preencher uma simples ficha de solicitação de emprego, ou algo semelhante, legitimando, assim, o seu fracasso ainda que tenha avançado em sua escolaridade.

O ensino escolar é feito fundamentalmente por meio da leitura e da escrita. Portanto, “Seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente — isso ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diversos tipos de livros”.¹ É justamente, a necessária presença deste ato de ler na escola que requer um ensino e, ao mesmo tempo, uma aprendizagem capazes de propiciar aos alunos condições eficientes na aquisição dos conhecimentos veiculados pela escola por meio da escrita.

Portanto, além da necessária compreensão da leitura e da escrita na escola, eu, como sujeito, “preciso saber ler, escrever e falar melhor para me servir das infinitas informações disponíveis e participar da construção da história do meu tempo e interferir no meu cotidiano”.² Isso posto faz compreender que não é apenas a escola que determina a necessidade da leitura. O cotidiano de um cidadão que pertence a uma sociedade letrada é movido entre outras coisas pela presença de textos escritos empregando o código lingüístico. Para utilização desse código com segurança, o sujeito deve saber decifrá-lo e compreendê-lo. É esse domínio que vai garantir a sua participação e compreensão no mundo.

Nesse sentido, as séries iniciais da escolaridade devem prover as crianças de habilidades de leitura que as permitam começar a circular no mundo da escrita, ainda que timidamente, porém situadas. Neste período “ensinar e aprender a ler” correspondem ao sentido estrito que é dado ao termo; é nessa fase que o ensino deve ser organizado de tal maneira que o aluno aprenda a fazer a decodificação dos símbolos da escrita, a identificar palavras desconhecidas, a ensaiar os primeiros passos da sua escritura e, finalmente, a se descobrir capaz de desvendar os mistérios da escrita. Sem esse início bem sedimentado o aluno terá

dificuldades de se tornar leitor, e os problemas tendem a se acumular no decorrer do período escolar, prejudicando seu êxito na trajetória acadêmica, uma vez que esta vai depender, em grande parte, de seu desempenho na leitura. Isso não significa que as séries subseqüentes não mereçam também uma atenção especial durante todo o período escolar 'razão porque os professores deverão trabalhar atividades voltadas para desenvolver no aluno, além do gosto pela leitura, habilidades e competência no ato de ler, deixando, por outro lado, de supor que um aluno alfabetizado possa ser considerado um aluno leitor, crença que sempre provocou a descontinuidade do ensino da leitura depois das duas primeiras séries do 1º grau.

A ênfase dada aqui ao ensino da leitura não implica dizer que apenas isto seria o fundamental para se formar um leitor. A formação de um leitor se dá na família, no contexto social do sujeito, na trajetória escolar e, ao longo da vida, no enfrentamento com suas condições sócio-econômico e culturais. No entanto, vale salientar que o propósito deste artigo é discutir o *ensino da leitura* no âmbito escolar. Lembrar, por exemplo, que a escola não formará leitor se não se programar com rigor para essa tarefa, investindo numa proposta curricular para o ensino da língua, onde a leitura e a escrita sejam vistas como prioridades; investido na criação e manutenção de bibliotecas; na qualificação de bibliotecários e professores, e ainda nas condições de trabalho dos educadores e de aula dos alunos. Isso não só no que diz respeito a material didático e ambiente de estudo para professores, a sala de aula, também local de trabalho dos professores e dos alunos, merece especial atenção no que tange à iluminação, carteiras, ventilação, recursos didáticos. Elementos que, inadequados ou danificados, constituem-se fatores que interferem não só na aprendizagem mas também na paciência de paralisar a leitura.

Além dos problemas anteriormente mencionados, a escola ainda conta com a questão da formação do professor não apenas no que tange ao conteúdo, ou aos elementos didático-metodológicos, mas também no que se refere às questões sociais políticas e econômicas. Estas, inevitavelmente, interferem na forma como esses educadores buscam e transmitem os conhecimentos; como determinam se são ou

não leitores; como determinam o tipo de leitura que realizam e, ainda, de que forma suas leituras interferem nos trabalhos que desenvolvem com os alunos.

Essa reflexão deve levar em consideração que a formação do aluno leitor cabe a todos os educadores e, em especial, ao professor. Ao professor de Língua Portuguesa cabe, porém, a parte específica. Em outras palavras, “problema da escrita e da leitura, essência da língua, é um problema (ou solução) de toda escola, de toda matéria e de todo professor, useiros cotidianos do código lingüístico”.³ Dessa maneira, há de se convir que a escola deve assumir como seu o cuidado com o ensino da língua e que leitura e escrita são essenciais para o funcionamento da escola, não deixando de legar, também, parte dessa responsabilidade aos órgãos oficiais que definem as leis e os programas oficiais.

Todos esses problemas aqui lembrados e outros que não estão mencionados já foram incansavelmente apontados e discutidos, porém sem grandes conquistas. Contudo, a batalha deve continuar para que a situação venha a se reverter.

Considerando que a escola deva, de fato, assumir o seu compromisso com o ensino da língua, a busca de solução por parte dessa instituição deve ser rápida para os problemas que, de tão velhos, já são considerados crônicos.

As decisões da escola em relação ao ensino da leitura devem ser mais ágeis no sentido de definições quanto ao tipo de leitor que quer formar e quanto ao grau de importância da leitura no seu programa de ensino. Considerar, também, a biblioteca, as salas de leitura e a formação do professor como fatores fundamentais para melhor desenvolver o ensino da língua e, conseqüentemente, o ensino da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹Ezequiel Teodoro da SILVA. *leitura e realidade brasileira*. 2a ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 57.

²Edson Gabriel GARCIA. *Leitura na escola de 1º grau*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 14.

³*Ibid.*, p. 15.